

HEILBORN, Maria Luiza. Resenha do Filme *Estranhas Relações* In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*, nº 5, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, EdUERJ. Rio de Janeiro, 1997, p. 170-173.

- O filme *Estranhas relações* integrante da série Millenium - tribal wisdom and the modern world - impõe-se à reflexão como um instigante caso de aproximação entre Antropologia e mídia. Relação simultaneamente interessante e problemática. Esse feitiço deriva do aparente paradoxo produzido pelo dilema de ajustar um discurso que certamente não é unilinear para um meio de expressão/veículo em que as mensagens devem ser, senão as mais diretas possíveis, aquelas que não exigem grandes ginásticas do intelecto. No caso em apreço, o filme integra uma série de 10 documentários, tendo como âncora o antropólogo americano David Maybury Lewis. A série Millenium busca cotejar as experiências de outras sociedades, as primitivas ou aquelas já desaparecidas no tempo, com a trajetória ocidental contemporânea para lançar luz sobre a arbitrariedade cultural que caracteriza toda e qualquer realização humana coletiva. Os temas são variados, passando pelos tradicionais, que despertam a curiosidade do público: a relação com a morte e as doenças, os estados alterados da consciência e, como não podia deixar de ser, o sexo e o amor. É este o tema de *Estranhas Relações*, cujo mote gira em torno de uma aparente contradição, como sentenciam o mestre de cerimônia: os indivíduos querem amores, a sociedade requer casamentos. É nos termos desse embate inicial, bastante problemático, uma vez que opõe, por um lado, indivíduo/ sociedade e sentimentos/ regras por outro, que o documentário se desenrola. Dualismos que sempre se reapresentam numa certa tradição teórica.

David Maybury-Lewis é um nome importante para a história da antropologia no Brasil. Professor do Departamento de Antropologia em Harvard desde 1960 foi um dos membros proeminentes do Projeto Jê, que impulsionou de maneira toda nova o estudo das sociedades tribais brasileiras. Ajudou a implementar o Programa de Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro como o da Universidade de Brasília. Sua experiência de campo no país serve de introdução a todos os programas da série Millenium: a abertura mostra Maybury-Lewis andando lado a lado com um Xavante e em alguns dos episódios é a sabedoria primitiva dessa sociedade quem vem dar o seu testemunho sobre problemas que atravessam todas as formações sociais. Sabedoria primitiva é o legado que os documentários visam resgatar como forma de saber e novo olhar sobre os dilemas que a sociedade contemporânea estampa. Estes termos advêm da própria estruturação da série que vai opondo, comparando, as sociedades primitivas, os indispensáveis exemplos exóticos que a antropologia coleciona, para contrastá-los com a experiência ocidental. Sua presença neste tipo de empreitada origina-se de sua vinculação como organização Cultural Survival, preocupada com a desaparecimento das sociedades tradicionais diante do ritmo galopante da modernidade.

A série, já exibida diversas vezes nos canais de tv a cabo no Brasil, foi produzida durante dez anos em quinze diferentes regiões do mundo. Ela se arma em torno de narrativas na primeira pessoa, encenadas por membros das comunidades que retrata, e que são dubladas por atores que recitam a história desses personagens. Para a tradução desses relatos uma equipe de antropólogos e intérpretes foi acionada com o cuidado de dar uma visão geral sobre a cultura que abriga os episódios, mas o espectador assiste à suposta a fala de um indivíduo, que tem uma história para contar. Esta solução, que se imagina idealizada para atender aos ditames de audiência, cria para os especialistas um vago mal-estar ao ver figuradas em discursos relativamente individualizados formulações que ultrapassam a história pessoal. Coloca-se assim um problema que atravessa as acirradas discussões do campo antropológico, a saber, em que medida podemos reconhecer a singularidade dos indivíduos a despeito do modo como se realiza a construção social da pessoa em diferentes sistemas simbólicos e em que grau estamos comprometidos com a ótica ocidental de focalizar nosso interesse sobre biografias. Contudo, é

irrecusável creditar um certo charme a tal estratégia narrativa. Ela propicia a captura da atenção da audiência mediante uma historieta que é encenada por personagens reais de uma cultura exótica. Assim, nesse ponto, a antropologia parece ceder o passo à lógica da mídia, que sempre requer uma história encarnada; através dela o público leigo pode se identificar.

*Estranhas Relações* se inicia narrando um mito da sociedade Nyimba do Nepal. O mito, datado de apenas trinta anos, fala de um amor adúltero e apaixonado, que coloca em risco as bases de uma organização poliândrica. Corte. As imagens passam a focalizar a Fortaleza de Les Baux na Provence, França, berço do amor cortês. Aqui a empresa antropológica recupera o seu fôlego. Descreve-se a gênese dessa relação social/sentimento, que se crê universal. Narra-se o amor entre um trovador e sua dama, esposa de um terceiro, cujas delícias só são experimentadas através das palavras da *chanson d'amour*. Como forma ritualizada da ascese que o amor cortês demanda, há a descrição do *asag*, encontro entre os amantes, que, despidos, jamais se tocam, como forma sublime da exaltação amorosa. O amor cortês serve de deixa para iluminar a disjunção entre amor e casamento, que o Ocidente vai reunir muito mais tarde, mas que em inúmeras sociedades se encontra permanentemente separados.

O formato de um diálogo entre o antropólogo não muito distanciado das preocupações de seus espectadores intervém novamente na montagem do texto: assinala-se a experiência radical do amor. Maybury-Lewis se interroga: o desejo de (re)união com o outro é biológico? Sua digressão avança pontuando o modo como as canções de amor enraízam em nosso cotidiano os temas da possessão, do êxtase e do amor não correspondido e impregnam nossa percepção do mundo. Mas ele conclui um tanto melancólico: a paixão é contrária à sociedade; ela é um mal que precisa ser exorcizado. A sociedade requer estabilidade e a paixão semeia a quebra de regras, colocando em evidência o indivíduo contra o grupo. Novo desconforto se apresenta para os especialistas: o amor que havia sido relativizado como uma forma sentimental específica parece ressurgir como uma condição humana universal. Estamos longe aqui de uma antropologia das emoções, que se interroga sobre a esfera do sentimentos, sobre as experiências de dor e prazer no sentido de inquirir sobre a modelação daquilo que denominamos afetos. Reapresenta-se assim o dualismo inicialmente mencionado: a oposição indivíduo e sociedade, desdobrada no par de contrastes sentimentos e convenções sociais.

Cena da sociedade nômade Woodabe, de pastores do Níger. O texto sábio assinala a tensão entre o desejo e dois tipos de casamento previstos naquela cultura: os arranjados pelos grupos de parentes e aqueles que nascem da escolha dos sujeitos, os de amor. Djajejoo e Fajima são os personagens de uma história de "paixão", nem sempre à vontade diante da máquina que os registra. Ele já tem duas esposas e deseja agora, com recurso à magia do amor, ter um casamento por escolha. Recolhe os ingredientes para a poção mágica, que esfrega no seu corpo magro, enquanto ultima o preparado conversa com um companheiro sobre seus intentos que serão possibilitados na ocasião de um encontro intertribal, onde se dá a dança Yaake. Nela os homens, estilisticamente ornamentados, dançam para atrair a atenção de mulheres, que devem aceitar a sedução de um piscar de olhos e concordar em segui-los. A mulher só o poderá fazê-lo na obediência às regras que interditam os homens pertencentes ao clã de seu pai ou do seu marido, se ela já for casada.

Esse exemplo é intercalado com cenas de um casamento americano. Segundas núpcias. Um casal na faixa dos 40 anos, com filhos dos casamentos anteriores que disserta sobre as razões que fundam a nova união: o casamento não dura para sempre, desejo de compromisso e a sintonia fina que deve orientar a vida conjugal no sentido de equilibrar as individualidades que se reúnem num par.

Retornamos ao Nepal. A narrativa agora assinala que a categoria amor é desconhecida pela cultura Nyimba, originária do Tibete. A palavra de sentido mais aproximado é "beleza do coração". Tal cultura, somos informados, se encontra sobre enorme pressão para mudar. O

quadro das transformações assinala não apenas a invasão da ideologia do amor, a adoção de costumes exógenos - de novo uma dança - como o acesso á escolarização dos jovens. O episódio agora estampa a história mal sucedida de um jovem Sonam que adquire uma esposa através de um longo processo de divórcio. Ele deseja-a, mas deve se curvar aos imperativos de uma sociedade poliândrica. Sua esposa, a jovem Dzoomkyet, tem obrigações para os seus outros três irmãos, seguindo os ditames da precedência etária. Antes de entregar-se a Sonam deverá atender a Gorkha, seu irmão mais velho e a ele dar um filho. Sonam, o filho que estuda - e por que não se apaixona - acaba por afastar-se de sua aldeia natal onde pastoreiam-se cabras e onde os imperativos da não divisão das terras sustentam ainda a organização poliândrica.

*Estranhas relações* propõe assim não apenas a discussão em torno do amor mas do tema sagrado da antropologia: o parentesco, ainda que o enfoque tão somente pelo ponto de vista da aliança. O debate mais fino está ausente do filme, ainda que certos traços despontem aqui e acolá. O caráter de fato social do parentesco, o seu procedimento essencial de ruptura com a natureza é um tanto obscurecido. Se o parentesco como expressão primeira da classificação mantém-se submetido a constrangimentos incontornáveis do reconhecimento das condições bissexuais da reprodução e da exclusão sistemática de certas categorias de parceiros sexuais (condição estatuida pela regra do incesto] ele, ao mesmo tempo, encarna as numerosas distinções humanas, o domínio da modalidade nas palavras de Mauss, entre sexualidade e casamento, entre maternidade e paternidade, física ou jurídica. sua variabilidade demonstra a impossibilidade da simples expressão dos laços "naturais" ou de genéricos imperativos sentimentais universais. O parentesco representa antes de tudo uma realidade cultural que integra sistemas de ação, abarcando regularidades do comportamento e estruturas conceituais que constituem os sujeitos. Seu estudo erigiu-se como um das áreas privilegiadas do desenvolvimento teórico da antropologia. A ambição de apreender os fenômenos da consangüinidade e da afinidade em função de um número restrito de princípios fundamentais representa um esforço de formalização que constitui o seu compromisso com o rigor. A mídia enquanto lógica impõe seu formato à discussão antropológica.

Como balanço geral o filme atende satisfatoriamente a preocupação de relativizar nossa percepção de mundo e assim representa um instrumento útil e atraente para o ensino da antropologia. A mensagem de *Estranhas relações* enfatiza as transformações a que as estruturas familiares estão sendo submetidas. A família ocidental moderna encontra-se sob pressão para tornar-se outra coisa tal qual a família Nyimba. O casamento moderno não é mais indissolúvel. Os filhos de pais diferentes se defrontam com a questão da natureza dos laços que os unem numa sociedade que privilegia a consangüinidade. Mundo em transformação tanto na modernidade quanto nas sociedades tradicionais.

Maria Luiza Heilborn